

MURRAY SCHAFER - o ouvido pensante

Entrevista a Janete El Haouli

MURRAY SCHAFER – the thinking ear

Interview by Janete El Haouli

JANETE EL HAOULI

Universidade Estadual de Londrina - UEL

janete.haouli@hotmail.com

Resumo: Entrevista concedida pelo compositor e educador R Murray Schafer a Janete El Haouli, na cidade de Londrina (estado do Paraná) em 1992. Schafer fala de temas como ouvido pensante, educação sonora e dos sentidos, do Projeto Mundial de Paisagem Sonora, da função social da música, de seu trabalho como compositor e sua relação com Ezra Pound.

Palavras-chave: R. Murray Schafer; educação sonora; Projeto Mundial de Paisagem Sonora; ouvido pensante; escuta; composição.

Abstract: Interview given by the composer and educator R Murray Schafer to Janete El Haouli, in the city of Londrina (state of Paraná) in 1992. Schafer talks about themes such as the thinking ear, sound education and the senses, from the Mundial Soundscape Project, from social function of music, his work as a composer and his relationship with Ezra Pound.

Keywords: R. Murray Schafer; sound education; World Soundscape Project; the thinking ear; listen; composition.

I.

Esta entrevista com R. Murray Schafer foi realizada em 1992, quando, graças à iniciativa de Marisa Fonterrada (Unesp), ao apoio da Secretaria de Cultura do Paraná e da Embaixada do Canadá, ele esteve em Londrina (PR) durante uma semana para ministrar o curso O Ouvido Pensante, por mim coordenado, como parte da programação do 12o Festival de Música de Londrina. Durante o curso, Schafer falou sobre educação dos sentidos, paisagem sonora, magia da música e de seu próprio trabalho como compositor – assuntos também abordados nesta entrevista.¹

II.

Pense que você precisa conhecer um simpático senhor canadense de 60 anos, nascido em Sarnia (Ontário), que aprecia Thoreau, tem afinidades com John Cage e cita Marshall McLuhan – uma personalidade interdisciplinar que escreveu livros como O ouvido pensante (Ed. Unesp, 1991) e *The tuning of the world* [A afinação do mundo] (McClelland and Stewart, 1977), traduzido em várias línguas.

Na década de 1950, entre outras múltiplas atividades na Europa, trabalhou na produção da ópera O testamento (Le testament de Villon), de Ezra Pound.

Autoridade mundialmente reconhecida como compositor, educador musical e pesquisador em ecologia sonora, Murray Schafer foi pioneiro, nos anos 1970, do que chama de Projeto Mundial de Paisagem Sonora (World Soundscape Project), na Universidade Simon Fraser, onde era professor no Departamento de Estudos em Comunicação. O projeto consiste em um conjunto de estudos sobre o meio sonoro e sua relação com o homem, e coloca Schafer como um irrequieto e combativo defensor da limpeza dos restos sonoros que nossa cultura “civilizada” acumula. Para Schafer, somos todos responsáveis pelo lixo sonoro, já que o ser humano é o único a produzi-lo no planeta.

Dono de “clariaudiência”, entusiasmo e fantasia raros na música contemporânea, seu sonho é recuperar o verdadeiro poder do som e a função da música na sociedade contemporânea. Este ano, Schafer ministrou o curso Semana Musical Ambiental (Environmental Musical Week) na Floresta Haliburton (Ontário), uma composição musical ecológica que envolveu a ação conjunta de músicos e participantes de diversas áreas naquela floresta. Schafer é um compositor engajado

¹ A entrevista foi originalmente publicada em 1993 no jornal cultural *Nicolau* (ano VII, n. 50, p. 18-20), editado pela Secretaria de Cultura do Paraná de 1987 a 1998. O texto foi atualizado de acordo com a nova reforma ortográfica e revisado visando a maior clareza.

na magia do som, a música ritualizada que pode interferir não só na natureza, mas também em nossos espíritos.

Pergunta - Schafer, o que é "ouvido pensante"?

Schafer - É possível desenvolver nossos sentidos durante a vida e melhorar suas performances. Ou seja, obviamente, todo mundo tem ouvidos, o que não quer dizer que todos os usem de forma adequada e processem suas informações conscientemente. Um ouvido pensante implica em ter consciência, que as pessoas realmente pensem de forma crítica enquanto prestam atenção, em vez de somente escutar os ruídos do que acontece no mundo. De modo prático, essa tarefa educativa deveria ser exercida por professores. Eles poderiam ensinar as crianças a pensar sobre o que estão ouvindo e a proteger seus ouvidos, mostrar como são preciosos, não os destruir; não matar seus ouvidos com barulho, começar a pensar que se pode planejar este mundo acusticamente. Pode-se planejar a vida do ponto de vista acústico de maneira muito mais ampla e não deixar simplesmente acontecer, como se fosse tudo accidental.

Pergunta – Certa vez você disse que John Cage deu uma definição essencial do que é música: "Música são sons, sons à nossa volta, estejamos dentro ou fora das salas de concerto". O que isso influenciou no seu conceito de "ambiente sonoro"?

Schafer - Bom, John Cage é zen-budista. Como budista ele entende que é permitido que tudo exista, e não tenta de maneira alguma interferir. Eu já não sou tão zen, acredito realmente que temos a responsabilidade de mudar, de planejar, de melhorar. Portanto, de certa maneira, estou mais interessado em ação e Cage em passividade. Contudo, quando li a definição de Cage, percebi que ninguém havia dito algo semelhante, aquilo era uma ideia inédita, e me deu uma espécie de princípio para meu conceito de ambiente sonoro: que o mundo é uma composição e que estamos todos dentro dela, que somos compositores e músicos. Acho que o ambiente sonoro é como uma grande composição acontecendo ao nosso redor constantemente, e somos agora os principais responsáveis já que produzimos o maior número de sons. Assim, devemos melhorar essa composição. Isso deveria ser compreendido por todos nós.

Pergunta - Há, sem dúvida, todo o problema de poluição sonora das grandes cidades do Primeiro e do Terceiro mundos...

Schafer - Sim, temos o problema da poluição sonora no mundo todo, não só no Brasil, e isso porque, em sua maioria, as pessoas simplesmente ignoram os sons que estão a sua volta. Simplesmente ignorando, gradualmente, com a tecnologia esses sons foram ficando maiores, uma espécie de lixo que se foi amontoando em pilhas cada vez mais altas e, de repente, a gente se vira e descobre que esse lixo está nos destruindo. Agora temos que dar uma guinada completa. Uma população inteira deve ser conscientizada a fim de se preocupar não somente com os sons agradáveis que gostaria de ouvir no rádio, mas com tudo, porque realmente é uma questão de vida ou morte. Existe uma porção de evidências de que nas civilizações ocidentais há

deterioração da capacidade de ouvir. Portanto, acho que é uma questão de educação muito mais do que de legislação. Não creio que seja assunto para os governos – governos nunca vão mudar nada. A única maneira de mudar algo é se todos nós mudarmos a sensibilidade humana, se o homem pensar diferente. Se tiver ouvidos pensantes então as coisas mudarão.

Pergunta - Nos anos 1970, seu Projeto Mundial de Paisagem Sonora enfrentou esse problema, tentando estudar o ambiente acústico e sua relação com o homem. Conte sobre esse trabalho.

Schafer - Quando iniciei esse projeto, em 1970, ninguém estava pensando em ambiente acústico. Pelo menos não onde eu estava vivendo, em Vancouver, no Canadá. Eu lecionava no Departamento de Comunicação da universidade local e queria estudar o ambiente acústico no qual vivemos, para determinar como ele foi mudando através dos tempos, já que os sons com os quais convivemos hoje não são os mesmos de 50 anos atrás. Por outro lado, queria saber como esses sons afetam o nosso comportamento. Fizemos estudos primeiro no Canadá, depois na Europa. Hoje há muitas pessoas envolvidas, em diferentes países, no estudo do desenho acústico, ou desenho do ambiente sonoro. Há estudiosos na Universidade de Grenoble, na França, que possui um departamento inteiro que se ocupa do assunto, num trabalho que inclui arquitetos, sociólogos e filósofos, entre outros profissionais. Creio que isso é um fruto do nosso trabalho. De modo prático, tivemos sucesso na França. Por exemplo, quando estudávamos o ambiente sonoro numa pequena aldeia chamada Lesconil, na Bretanha, mostramos que a vida diária dos pescadores locais estava ligada aos sons que ouviam ao redor da vila e do mar. Esses sons mudavam quando havia mudança de tempo atmosférico. Se o tempo permanecia estável, os sons eram constantes. Havia um tipo de vento circular chamado vent solaire [vento solar], aquele tipo de vento à beira-mar que à noite sopra numa direção e de dia, na oposta. Na verdade, esse vento circula, e esse movimento traz diferentes sons ao longo do dia; esses sons, portanto, obviamente são muito distintos para aqueles pescadores. Assim, eles sabem se há uma mudança no padrão. Se não ouvem os sons como são de costume, se mudam, é sinal de que o tempo está piorando e eles não podem ir pescar. Isto, é claro, é uma questão de vida ou morte para um pescador. O governo francês ia construir uma rodovia bem ao lado dessa aldeia, então alertei: se construíssem a rodovia, iriam destruir a capacidade dos pescadores de ouvir os sons em torno da vila. Isso provocou uma grande reação na imprensa francesa, uma porção de artigos, programas de rádio. A Unesco se envolveu e financiou algumas coisas. Resultou disso que a rodovia não foi construída, modificando-se seu traçado original. Esse é um exemplo de como nosso estudo pôde mudar uma situação.

Pergunta - A despeito de nossa civilização produzir poluição sonora, ela se caracteriza por ser centrada na visão. Há algum exemplo de sociedade que privilegie os ouvidos?

Schafer - Sim, as sociedades orais são muito cuidadosas quanto aos seus ouvidos, não querem feri-los. Na Antiguidade isso era verdadeiro para praticamente todas as sociedades. Cristo disse: "Está escrito, mas eu lhes digo...". Note, estar escrito não tem a mesma validade de "eu lhes digo". Assim, a informação oral é mais importante do que a visual. Outra coisa sobre a percepção das sociedades orais foi dita por Marshall McLuhan: ele disse que uma pessoa na fase de percepção oral vive com uma sensação de terror porque qualquer som é sempre uma surpresa. Ela está no centro, sons acontecem ao seu redor. Numa sociedade visual, se está sempre fora, olhando para dentro. Os olhos são como uma moldura, e aquilo que emolduro com meus olhos é o que vejo. O que está ao lado, eu não enxergo, devo virar a cabeça para ver. Portanto, estou fora desse mundo ao lado e estarei olhando para dentro do mundo à minha frente. Assim, o sentido da visão é analítico e reflexivo. Numa sociedade oral se está sempre no centro do universo e os acontecimentos cercam as pessoas, não se tem controle sobre eles. Por isso não se pode planejar numa sociedade oral, não se pode organizar nem desenvolver as matemáticas, geometria analítica, nenhum desses conceitos.

Pergunta - Mudando um pouco de assunto: nos anos 1950 você esteve trabalhando na produção da ópera *O testamento*, de Ezra Pound. Como foi isso?

Schafer - Eu conheci pessoalmente Ezra Pound. Ele tinha um monte de problemas com o governo americano, como se sabe, e ia ser condenado à morte, como traidor, porque esteve durante a Segunda Guerra trabalhando numa rádio fascista. Quando afinal foi liberado, em 1959, voltou para a Itália, e lá eu o encontrei. Fui visitá-lo porque sabia que ele tinha composto músicas e que também estava interessado em meu trabalho. Disse-lhe que havia pensado em sua ópera e que gostaria de produzi-la. Ele foi maravilhoso. Simplesmente me deu o material e fiz uma produção para a BBC. Além disso, obtive *Os cantos*, de Pound. Na realidade, obtive a última parte desse longo poema, em Rapallo, na Itália, e a levei para Londres, onde a entreguei a T. S. Eliot, que trabalhava na editora que estava publicando o poeta. Mais tarde, eu mesmo publiquei vários dos escritos de Pound sobre música. Ele escreveu muito sobre música. De minha parte, achei Ezra Pound um homem fascinante, diferente de outros grandes homens que conheci: ele era um bom ouvinte, não como outros grandes homens, que falam constantemente e você ouve. Pound me perguntou se eu era compositor e queria saber de mim, e estava interessado. Gastou um pouco de seu tempo comigo e eu fiquei lisonjeado. Eu era bastante jovem na época, tinha só 25 anos.

Pergunta - Que tipo de música você compõe?

Schafer - Algumas peças foram escritas para ambientes especiais, como Princesa das estrelas, que foi criada para apresentação em torno de um lago, com os músicos todos em volta do lago. Uma outra é Ra, sobre o deus-sol egípcio. A peça tem duração de 12 horas, dura toda a noite, é uma espécie de ritual, em que a audiência participa ativamente e, também, deve aprender a cantar em egípcio antigo. Nós ensinamos a audiência durante as primeiras três horas e, depois, ela participa ativamente de todas as cerimônias, guiados por deuses e espíritos divinos e passa o resto da noite com os sacerdotes no mundo inferior. A seguir, devem fazer o ritual junto com os atores e cantores. Se fazem tudo corretamente, o sol nascerá brilhante de manhã; se não for correto, amanhecerá um dia nublado e sem sol. Você faz isso e acredita que vai mudar o mundo. Agora mesmo estou trabalhando numa peça que deve durar uma semana. É feita no meio de uma floresta, completamente isolada, sem caminhos, sem carros, nada. Como se fosse no meio da Amazônia. Estou trabalhando com um grupo de pessoas; é uma peça ecológica, pois temos que viver na floresta e usar o material disponível no local, sem trazer nada de fora. Montamos os instrumentos musicais, as máscaras, os trajes, tudo com elementos da floresta. Assim, acredito poder educar as pessoas a fim de que pensem sobre o ambiente, como podem fazer alguma coisa no ambiente sem destruí-lo. Não alteramos nada, ou quase nada. Limpamos tudo, tiramos todo o lixo, perturbando o ambiente o mínimo possível. Não derrubamos árvores para abrir espaço para nossas barracas.

Pergunta - Sua música, então, é altamente engajada, tem uma função social, certo?

Schafer - Acredito que a música é muito mais forte quando tem uma função social. Isso não quer dizer que não se possa ouvir uma bela peça musical somente como fruição. Contudo, a teoria da arte pela arte não é próxima do meu modo de pensar. Estou muito mais preocupado com a música numa dada conexão, que tenha algum poder; por exemplo, a música que tenha a capacidade de fazer com que algo aconteça. Poderia chamar isso de magia do som. Se cantamos, e cantamos da maneira certa e a canção adequada, a chuva virá, ou o sol, alguma coisa vai acontecer. Ou se cantamos duramente, da maneira certa, podemos matar uma pessoa, ou talvez ressuscitá-la. Isso é a magia do som, o incrível poder da música que nós esquecemos, já que, para a grande maioria das pessoas, música é só o que sai dos alto-falantes. Suponho que seja uma diversão, mas essa música não faz nada, é um tipo de acontecimento. Acho que deveríamos devolver à música um verdadeiro poder, sua função social. Veja, a música por si só é neutra, não é moral, imoral ou amoral. Música pode ser usada para diferentes propósitos. Pode ser usada como terapia, para matar, pode-se usá-la como quiser, mas usá-la é muito mais forte do que tocá-la como uma peça bonitinha, de atração meramente ambiental.

Pergunta - Seria necessário que nossa sociedade se voltasse para uma educação das percepções? Como a música poderia nos ensinar algo para mudar nossa vida?

Schafer - É preciso uma educação dos sentidos, de todos os sentidos. A educação musical é parte dessa educação sensorial. Música faz parte da educação daquilo que se chama personalidade afetiva – a parte da personalidade voltada para as emoções, para as impressões sensoriais, em contraposição à parte da personalidade que é dirigida para o aprendizado cognitivo, racional. Acho que ocupamos tempo demais em nosso sistema educacional com esses assuntos racionais, como matemática, ciências e coisas assim, e não ocupamos tempo suficiente com a educação de nossos sentidos. Veja, isso já foi diferente, os gregos antigos consumiam bastante tempo educando os sentidos, não estavam só preocupados com a razão. Imagino que os índios brasileiros também consomem muito tempo com a educação dos sentidos. E eles têm uma educação, todas as sociedades têm uma educação, educam suas crianças. Mas, o que ensinar? O que é importante? É importante aprender canções? Dançar? Essa é uma maneira diferente de educar. Penso que precisamos retornar a isso. Os outros assuntos já causaram danos demais ao mundo.

III. Ar Livre da Música - por Janete El Haouli

O mito. O imaginativo. O onírico. O fantasioso. O poético. O simbólico. O mágico. Para os gregos: psique = alma = anima. Psique: sopro, borboleta, mulher bonita. Sopro de vida com o qual o homem tornou-se alma vivente. Um sopro sagrado, pois sem ele não poderíamos supor a voz e o canto, a música da dança das origens.

Assim ouve e pensa Murray Schafer. Está o tempo inteiro imaginando, fantasiando. A fantasia expressa o aspecto arcaico, emocional e criativo da personalidade. Focalizando a fantasia, atinge-se aquilo que realmente está em atividade na alma.

Murray Schafer faz alquimia da música, busca a psique do som e nos remete ao pensamento grego que, em seu devir atemporal, ritualisticamente se torna o assunto dos deuses e os próprios deuses, ao mesmo tempo em que seus ouvintes se tornam deuses e cantores. Estar na alma é quando se dá a ligação dentro do sujeito. É um jeito de olhar, de escutar o mundo na profundidade.

Os sons possuem sua significância arquetípica, estão impressos profundamente no ouvir de um povo. O inconsciente coletivo é o que mantemos em comum e o que nos mantém universalmente juntos como seres humanos. Todas as pessoas podem comunicar-se nesse nível humano comum, tanto as de hoje como as do passado, na linguagem da emoção, da fantasia, do sonho, e nas imagens e situações arquetípicas.

Sopro, voz e canto inseparáveis e transformadores, que realmente impregnam o som de sentido, um sentido que pertence à natureza e às forças doadoras de vida.

Através da fantasia, “a psique a cada dia cria a realidade”. Através da fantasia do som, a psique de Murray Schafer a cada dia cria a... música.